

De bustos a retratos: os doze Césares para além de doze faces

From busts to portraits: the Twelve Caesars beyond twelve faces

BEARD, M. *Doze Césares: imagens de poder do mundo antigo ao moderno*. São Paulo: Todavia, 2022. 464 p.

Luis Henrique Carminati*

Recebido em: 19/02/2024
Aprovado em: 30/03/2024

As imagens fazem parte da comunicação humana muito antes da invenção da escrita. A construção de um discurso imagético delinea camadas de significados, de sentidos e identificação. Logo, a imagem consegue estabelecer redes de comunicação a partir de seu contexto produtivo e temporalidade, mas também por meio da reinterpretação e releitura em outros ambientes e conjunturas, que podem adicionar novas camadas.

Mary Beard é uma autora renomada na historiografia da Antiguidade. É professora de Estudos Clássicos na Universidade de Cambridge, é curadora do British Museum, também produziu e apresentou diversos documentários sobre Roma na British Broadcasting Corporation (BBC) e é responsável por vários livros sobre a história de Roma, como o *best-seller SPQR: uma história da Roma Antiga*. O livro analisado nessa resenha é parte de uma série de palestras ministradas pela autora em 2011 e que, ao longo de dez anos, foram compiladas e ampliadas a partir de novos materiais, estudos e conexões diferentes que deram forma ao livro que em 2021 foi publicado sob o nome *Doze Césares: imagens de poder do mundo antigo ao moderno*.

A obra trabalha justamente com imagens produzidas na Antiguidade até a Contemporaneidade – com enfoque na Modernidade – que retratam o mundo romano, seus principais personagens, características e valores. O Renascimento e sua profusão de representações da Antiguidade é o ponto inicial da autora para refletir sobre as releituras

* Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).

sobre o Império Romano e os imperadores. No decorrer do livro, Mary Beard demonstra que, com o passar do tempo, essas representações da Antiguidade, modernas ou não, foram ressignificadas e preenchidas de diferentes sentidos, sendo associadas aos mais diversos discursos políticos, morais e religiosos.

As conexões estabelecidas com o passado romano podem parecer distantes e muitas vezes inacessíveis. Entretanto, basta vestir com os trajes de Nero um político contemporâneo para as barreiras temporais caírem por terra e a Antiguidade romana ser trazida para os holofotes. No livro, apesar dos imperadores romanos e a casa imperial serem objetos de investigação, o principal foco é na análise das imagens modernas produzidas sobre os imperadores romanos e suas vidas.

Na obra de Mary Beard, os imperadores são situados lado a lado com uma ampla gama de artistas modernos, entre eles, Ticiano, Mantegna e Alma-Tadema, além de gerações de artistas anônimos que de alguma maneira representam os Césares e suas vidas. Esses artistas, independentemente de comporem a tradição artística ocidental ou serem anônimos, dividem palco com antiquários, colecionadores, humanistas, arqueólogos e com os mais distintos graus de pessoas que entraram em contato direto ou indireto com as mais variadas representações dos imperadores (Beard, 2022, p. 15). A autora demonstra como as imagens dos imperadores romanos – principalmente dos doze césares de Suetônio – ainda fazem parte de práticas discursivas, releituras, da arte, cultura e História, com uma presença variável em diferentes momentos, mas ainda assim presente no imaginário popular. O livro é iniciado e finalizado com o mesmo exemplo, um grandioso caixão de mármore que foi identificado e propagandeado, erroneamente, como o túmulo de um imperador romano.

Doze Césares está dividida em sete capítulos, além do prefácio e do posfácio. O primeiro capítulo, *O imperador na esplanada*, remete a esse sarcófago encontrado no Líbano no século XIX, e que foi levado aos Estados Unidos por um comodoro que os ofereceu ao então presidente Andrew Jackson (1767-1845) o objeto para que fosse utilizado como seu próprio túmulo. Jackson, que então era criticado por se portar como um “César”, prontamente recusou ser enterrado com qualquer relação “imperial”. Esse exemplo, abordado por Beard, demonstra a relação equivocada que a modernidade estabeleceu com o passado romano, seja de maneira inventiva, buscando a todo custo correlacionar as temporalidades ou identificando erroneamente os achados arqueológicos.

Ao longo da obra, são apresentadas diferentes leituras e imaginários sobre os imperadores, e com isso é produzida uma investigação que evidencia como o passado pode ser lido e relido com o passar do tempo e dessa forma receber novos significados. Ao longo dos capítulos, das imagens, objetos e representações que são analisadas, a

autora demonstra como são construídas novas camadas de sentido sobre o passado através do presente. Sendo assim, é possível perceber as nuances do processo histórico com a passagem do tempo e suas diferentes chaves de leitura, sendo isso um dos cerne dos estudos históricos.

A autora ressalta a importância e a grandeza da cultura material romana. Desde formas de biscoitos da família imperial a camafeus, moedas, estátuas, bustos em todos os suportes, materiais, tamanhos e estilos possíveis. Havia uma abundância de retratos imperiais que circulavam pela sociedade romana, desde o âmbito privado ao público. Entretanto, apesar dessa massiva produção de representações visuais dos imperadores, muitos dos objetos se perderam com o tempo ou foram transformados para atender a outras utilidades. Outro exemplo, é a quantidade de retratos de Augusto: estima-se que foram produzidos cerca de 25 a 30 mil exemplares, dos quais apenas 200 sobrevivem e são identificáveis (Beard, 2022, p. 28).

Ao mesmo tempo, a partir do Renascimento existe uma profusão e difusão de obras de arte que reimaginam os imperadores em momentos-chave de suas vidas. Com isso, foram produzidas cenas das vidas dos soberanos que não estavam presentes em nenhum repertório imagético da Antiguidade. Essas releituras criaram “novas” imagens sobre o mundo romano e as vidas dos seus governantes.

Aos poucos, formou-se uma tendência artística que tornou as representações de imperadores e das cenas de suas vidas em uma mercadoria popular. Esse fator impulsionou recriações modernas, inserindo-os em debates culturais, morais, religiosos e ideológicos para atender a interesses discursivos específicos. Esse processo não é uma mera releitura dos acontecimentos do passado, mas um reposicionamento temporal e histórico para corresponder a questões próprias do presente. Fabio Favarsani (2020, p. 383) define esse rearranjo das temporalidades como *allelipoiesis*,¹ em que há a capacidade de gerar, por meio de uma construção recíproca e simultânea, entre presente e passado, imagens que não pertencem nem a um tempo nem a outro, sendo assim híbridas que se comunicam por meio de uma tradição reapropriada e reimaginada.

O livro ocupa-se, principalmente, das releituras modernas dos imperadores romanos, das ressignificações e da relação inextricável entre as temporalidades. Mary Beard evidencia que se estabeleceu uma tradição de evocar e situar os imperadores e o passado romano em cenários e contextos diferentes para elaborar formas discursivas próprias.

¹ *Allelopoiesis* deriva do grego *allelon* (recíproco) e *poiesis* (fazer/criar) e foi proposto como uma chave analítica para a compreensão das concepções imperiais produzidas modernamente a partir da leitura das experiências antigas. Para mais, ver: Hausteiner, Huhnholz e Walter (2010, p. 15).

No segundo capítulo, *Quem é quem nos Doze Césares*, a autora apresenta um ponto indispensável para as considerações feitas no decorrer da obra. O reconhecimento e a identificação dos imperadores romanos era feito de duas maneiras: mediante a representação imagética presente nas moedas cunhadas sob a autoridade de cada governante, visto que todos os imperadores – independente da duração de seu “reinado” – emitiram tipos monetários que retratavam sua face e sua posição política. Em conjunto a isso, a obra de Suetônio, *A vida dos doze Césares*, foi tomada, na modernidade, como base para representar e conhecer a história de Roma e de seus soberanos. Suetônio e suas *vidas* tiveram uma influência massiva na cultura moderna e nas releituras produzidas sobre a história romana. Podemos citar, por exemplo, que entrou para o “cânone histórico” a lenda de que o imperador Nero ordenou que se incendiasse propositalmente Roma, chegando ao ponto de dedilhar sua lira enquanto observava as chamas tomarem boa parte da cidade.

A série de biografias de Suetônio auxiliou a produção de retratos dos imperadores graças a suas descrições das características físicas dos personagens. Em confluência, as moedas reforçaram a possibilidade de reconhecimento, por meio das inscrições e do busto representado no objeto. Mary Beard evidencia como Júlio César estabeleceu novos precedentes nos retratos – em moedas, bustos e outros suportes – que permitiram aos seus sucessores, em especial Augusto, construir uma retórica imagética do poder imperial.

Dessa forma, a principal inferência de Beard é a de que, a partir dos precedentes estabelecidos por Júlio César, se consolidou uma prática cultural e compartilhada no Império Romano. Convencionou-se produzir e difundir representações dos imperadores que se tornaram cada vez mais presentes e reconhecíveis no *ordo romanorum*. A partir disso, foi idealizada uma identidade política e “visual” do Império por meio da imagem dos seus governantes. Por exemplo, a construção do retrato de Augusto sempre jovial, independentemente da idade do imperador, dando assim forma a uma prática discursiva que viria a se repetir, ser reforçada e modificada por outros imperadores, mas que constituiria da mesma maneira uma noção de continuidade e perpetuação dos moldes e práticas imperiais.

No capítulo subsequente, *Moedas e retratos, antigos e modernos*, a autora inicia uma reflexão sobre a presença de moedas antigas em obras de arte da Modernidade. O potencial da moeda na Antiguidade vai além da sua ampla circulação e produção, situando-se, principalmente, na capacidade de comunicar ideias, valores e mensagens. Dessa forma, o numerário servia como base para os retratos imperiais ao mesmo tempo que difundia discursos inseridos em uma tópica imperial. Mary Beard indica que o ato de colecionar moedas antigas foi difundido por toda a Europa, fazendo parte de um

consenso que demonstrava e reforçava o status social e simbólico. Por exemplo, famílias aristocráticas exaltavam a grandeza de suas coleções em relação a outros colecionadores. As moedas ecoavam autoridade e poder através das imagens dos soberanos e isso possibilitou a elaboração de distintos significados culturais e sociais.

A autora ressalta que entre os séculos XIV-XVI, as moedas foram as principais evidências disponíveis da aparência dos imperadores romanos e proporcionaram a lente pela qual esses personagens históricos foram reimaginados e recriados na arte posterior. A moeda garantia autenticidade a qualquer retrato que se fazia do passado, com isso Mary Beard pontua que parte da tradição de retratos ocidentais nasceu do diálogo com o estilo, os rostos e os trajes dos governantes da Roma Antiga. Beard (2022, p. 165) conclui que sobretudo as moedas foram fundamentais para a representação do rosto moderno.

No quarto capítulo, *Os Doze Césares, mais ou menos*, a autora abre as discussões mencionando uma coleção de taças de prata dourada de autoria anônima. As doze taças eram compostas pela figura do imperador centralizada e tendo na base as cenas de suas vidas, sendo estes objetos a primeira tentativa sistemática de ilustrar a obra de Suetônio. O principal argumento desenvolvido neste capítulo, e que percorre as diferentes obras artísticas analisadas no livro, são os arranjos e rearranjos das figuras dos doze Césares principais. Os doze Césares passaram a ser objetos de arte a partir do Renascimento, dessa forma, os artistas modernos já estavam redefinindo, readaptando e modificando esse grupo conforme seus interesses. Por exemplo, a substituição de Calígula por Trajano atendia a uma agenda moralizante com o objetivo de inserir um “bom” imperador entre os doze. Portanto, essas abordagens e adaptações do conjunto de Césares possibilitaram reinterpretações do grupo, inserindo assim novas camadas de significado (Beard, 2022, p. 218).

Tanto no quinto capítulo, *Os Césares mais famosos de todos*, e no sexto, *Sátira, subversão e assassinato*, a autora destaca obras famosas como os *Onze de Ticiano*, as releituras das obras de Ticiano por Aegidius Sadeler, as pinturas de Antonio Verrio, as tapeçarias de Hampton Court, as pinturas de Alma-Tadema. Para o leitor distraído, talvez esses dois capítulos não passem da apresentação dessas obras, de suas trajetórias e contextos. Contudo, por meio desse exercício, Mary Beard estabelece revelantes conexões históricas sobre as releituras do passado pela Modernidade.

Essas recriações desempenham diferentes papéis e formas discursivas. Até mesmo a disposição das obras em um ambiente determinava o conjunto de ideias que se buscava apresentar. Os arranjos das peças de arte eram capazes de elaborar diferentes meios de interlocução com os observadores. Por exemplo, a organização das composições artísticas para arquitetar um tom apologético ao direito divino dos reis. A leitura da apoteose dos imperadores reforçava a lógica interna da perpetuação monárquica e,

consequentemente, dinástica. A Antiguidade, por muitas vezes, foi rearranjada e relida com o propósito de atender aos interesses específicos da Modernidade, retomando o passado para engrandecer o presente.

Mary Beard pontua que, a partir do século XIX, ocorre uma mudança de perspectiva em relação aos imperadores, seus fracassos, vícios, virtudes e sobre o próprio sistema imperial. Tornou-se uma prática comum representar o vício e a decadência romana, com isso novas leituras moralizantes sobre a Antiguidade foram alimentadas pelas próprias questões que afetaram o século XIX em relação à desigualdade econômica vigente. Além disso, a representação de assassinatos evidencia o crescimento desse questionamento e reflexão sobre as bases do poder imperial. Beard solidifica seus argumentos acerca da reapropriação da Antiguidade com o intuito de corresponder ao presente e aos interesses discursivos específicos.

A autora separou o último capítulo *A esposa de César... acima de qualquer suspeita?* para discutir a figura feminina e as mulheres da casa imperial. A partir desse objetivo, Mary Beard desenvolve um capítulo que infere sobre a posição difusa que as mulheres da família imperial ocupavam. Visto que, não havia nenhuma posição formal na hierarquia e nem a possibilidade de uma mulher ocupar o trono. Portanto, essa condição das mulheres da casa imperial – fossem mães, irmãs, cônjuges ou filhas – era alinhado com as estruturas patriarcais das lógicas imperiais que apontava para uma regulação da sexualidade e postura das mulheres da família imperial.

A identidade política iniciada por César, e aprimorada pelos sucessores, teve um efeito drástico na formação de retratos da família imperial. Porém, não havia, na tradição romana, a prática de honrar mulheres mortais com estátuas públicas. A partir da consolidação do Império, as mulheres passaram a compor e ocupar o espaço das representações públicas. Por meio da análise desses retratos, é possível inferir sobre a elaboração das imagens das mulheres na Antiguidade e, por consequência, as representações e releituras na Modernidade e outras temporalidades.

Todavia, a frequência dos retratos femininos era bem menor e atendia a uma lógica discursiva específica. O sentido assumido nas representações das mulheres da casa imperial era a semelhança. As imagens das mulheres imperiais eram similares e aproximadas umas das outras, característica que era, em realidade, uma estratégia que atendia ao objetivo de anular a individualidade e evitar que essas mulheres tivessem protagonismo no cenário do poder imperial.

Por fim, *Doze Césares: imagens de poder do mundo antigo ao moderno* é uma produção admirável e meticulosa de uma historiadora consolidada. Em *SPQR: uma história da Roma Antiga*, a autora já havia mencionado que atualmente conhecemos mais sobre

os romanos que eles próprios se conheciam (Beard, 2017, p. 21). Agora, em *Doze Césares*, a autora nos recorda que as leituras do passado falam mais sobre o tempo presente e suas próprias questões do que sobre o passado em si.

Referências

- BEARD, M. *SPQR: uma história da Roma antiga*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- FAVERSANI, F. Tirano, louco e incendiário: BolsoNero. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como *allelopoiesis*. *História da Historiografia*, v. 13, n. 33, p. 375-395, 2020.
- HAUSTEINER, E. M.; HUHNSHOLZ, S.; WALTER, M. Imperial interpretations: the imperium romanum as a category of political reflexion. *Mediterraneo antico*, v. 13, n. 1-2, p. 11-16, 2010.